

A Habitação Vernácula Rural no Alentejo, Portugal¹

Mariana Correia*

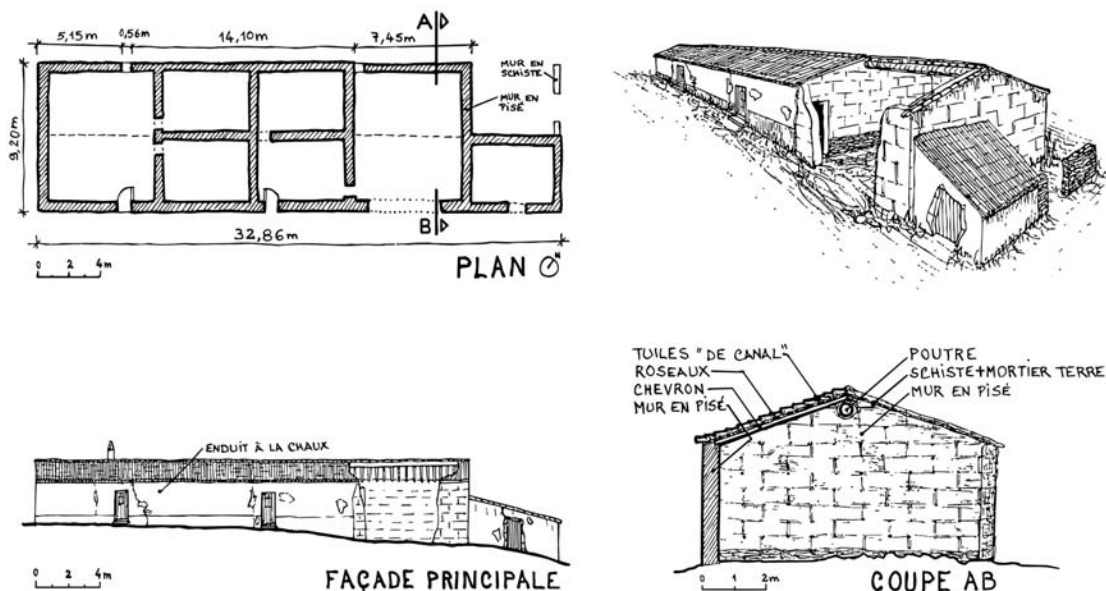


Fig.1 – Monte das Fontainhas, em Vale dos Mortos. Concelho de Serpa..

1. Introdução

A elaboração deste texto teve por base levantamentos e investigação realizada pela autora, no âmbito da sua dissertação de mestrado² e de restauros realizados, como arquitecta, em edifícios históricos, do séc.XVIII e XIX³.

2. Agregado Rural

O povoamento alentejano é o mais disperso de todas as regiões do país. Na região norte do Alto Alentejo, onde a altitude é um pouco maior que no sul, o povoamento é também disperso, mas menos do que no Baixo Alentejo. Em certos locais, nos arredores das vilas ou cidades, a população ainda se concentra em *quintas*.

Nas vastas planícies do Baixo Alentejo, a fraca densidade da população não excede os 25 habitantes por km² (com tendência a diminuir devido ao êxodo rural para as grandes cidades).

A população habita nas cidades, vilas, aldeias ou encontra-se disseminada pelas *herdades*⁴. Estas compõem-se por grandes extensões de terrenos cultivados, dominados pelo *monte* (fig.2), que se encontra no alto das colinas. Neste habitava o *feitor* e os *ganhões*. A herdade poderia ser constituída por diversos montes, dependendo da sua extensão.

Quando a herdade era de grandes dimensões, o monte principal era constituído pela:

* Arquitecta; Mestre pela École d'Architecture de Grenoble, França. Docente na Escola Sup. Gallaecia, V. N. de Cerveira.



Fig.2 – Monte Fernando Baixo em Safara. Concelho de Moura.



Fig.3 – Silos construídos em taipa na Herdade de Vale dos Mortos. Concelho de Serpa.



Fig.4 – Vacaria na Herdade Afonseanes, em Sobral da Adiça. Concelho de Moura.



Fig.5 – Queijaria no Monte Novo da Coutada, Telheiro. Concelho de Reguengos de Monsaraz.

- Casa do patrão, também denominada o palácio;
- Habitação do feitor, o encarregado de gerir o *monte*;
- Habitação dos ganhões/ganadeiros, trabalhadores dos campos;
- Habitação dos diferentes maiorais, responsável pela horta, responsável pelos animais, etc.;
- Casa da Amassaria ou Casa da farinha, onde se amassava o pão;
- Anexos agrícolas.

Nestes incluíam-se:

- Silos para o grão (fig.3);
- Alpendre para as alfaías agrícolas;
- Galinheiros, para as aves;

Um pouco mais longe das habitações:

- Estábulo para os burros, mulas e cavalos;
- Palheiros, com a palha para as manjedouras;
- Curral para os restantes animais, se não fossem muitos. Senão haveria:
- Vacaria ou cabana das vacas (fig.4);
- Redil, casa das cabras e das ovelhas;
- Malhada, casa dos porcos (que eram pretos), ligada à pocilga;
- Pocilga, onde as porcas tinham as crias;
- Casa do guarda dos porcos;
- Casa do hortelão, ao lado da horta;

Ainda se encontravam na herdade:

- Abegoaria ou Casa do Abugão, que tratava das rodas dos carros de bois;
- Casa do Ferreiro, que trabalhava a bigorna;
- Queijaria ou alavão, onde se fazia o queijo de ovelha ou de cabra (fig.5);
- Casas da matança, onde se matavam os animais e se faziam os enchidos;
- Casa da malta, onde se comia;
- Forno comunitário, para cozer o pão;
- Lagar de azeite, onde se fazia o azeite;
- Lagar do vinho, onde se fazia o vinho;
- Adega onde se guardavam as dornas;

Ainda mais afastado:

- Colmeal, onde estavam as colmeias;
- Casa da crestação, onde se separava o mel dos favos;



Fig.6 – Habitação de piso térreo com forno no exterior. Casa do *Hortelão da Horta Nova* em *Semblana*. Concelho de *Almodôvar*.



Fig.7 – Edifício de dois pisos, em taipa. *Serpa*. Concelho de *Serpa*.



Fig.8 – Habitação com duas alcovas separadas da divisão principal por tabiques em *Alcácer do Sal*. Concelho de *Alcácer do Sal*.

3. Análise Tipológica

A planta da habitação rural era rectangular, sendo geralmente composta, no meio rural, por um único piso: o térreo (fig.6). No meio urbano, já era na maior parte das vezes, constituída por dois pisos (fig.7).

Se era necessário ampliar o espaço na habitação rural, normalmente o edifício aumentava ao comprido (fig.6).

No que diz respeito à tipologia de planta, a região de Évora apresentava uma planta mais compartimentada. Enquanto que no Baixo Alentejo, especialmente na costa, a habitação era mais pobre, em geral constituída por um só compartimento: cozinha à entrada, dominada pela grande chaminé, para fumar os enchidos. A cozinha, era a divisão principal da casa, também servindo de sala de estar, de trabalhar. A sala, quando existia, era chamada “casa de fora”. As alcovas encontravam-se separadas por tabiques, com abertura para a divisão principal (fig.8).

Uma característica da arquitectura vernácula alentejana é o forno colectivo de pão, de acesso pelo exterior (fig.6). Este situa-se num dos extremos longitudinais da habitação ou isolado a alguns metros de distância. Encontrando-se sempre coroado por uma cúpula de tijolo de burro. No outro extremo longitudinal da habitação localiza-se o anexo para os animais.

4. Análise Morfológica

O edifício apresenta um volume de tendência horizontal (ao contrário do norte do país).

A maior parte das fachadas tem linhas puras e formas massiças, ainda mais destacadas pelas caiações brancas sucessivas.⁵ A fachada principal apresenta poucas aberturas, uma só porta com *postigo* incorporado ou uma porta e uma pequena janela, o que impedia o calor abrasador do Verão, de entrar no interior da habitação. As raras janelas existentes não tinham vidro e



Fig.9 – Fachada branca com chaminé destacada em *Monsaraz*. Concelho de Reguengos de Monsaraz.



Fig.10 – Embasamento e cercadura dos vãos pintados de azul, em edifício de taipa, em *Vale dos Mortos*. Concelho de Serpa.



Fig.11 – Fonte barroca caiada de branco e azul, no *Telheiro*. Concelho de Reguengos de Monsaraz.

apresentavam quase sempre portadas no interior.

O volume da chaminé destacava-se na fachada principal (fig.9), sendo utilizada não só para libertar o fumo, mas também para ventilar o espaço interior. A sua presença na região sul é uma característica constante, ao contrário da região norte do país. Por vezes, a pontuar a fachada, surgiam os suportes de vasos (fig.9), onde se colocavam as *sardinheiras*, que ajudavam a arrefecer o ar que entrava pelo vão. Em caso de procissão, as plantas em vaso eram substituídas por lamparinas.

Os edifícios são brancos, com exceção do embasamento e da cercadura das janelas, demarcados na maioria das construções. Estes destacam-se ligeiramente e são pintados muitas das vezes com cores tradicionais: o azul, para afastar os mosquitos ou o amarelo, para afastar os maus-espíritos. Mais recentemente surge o verde, o rosa e o amarelo.

5. Materiais Tradicionais

Os materiais mais utilizados até há 40 anos atrás, eram a terra, o tijolo cozido (conhecido por tijolo de burro), a pedra, a cal, a madeira, o *caniço* e o *piorno*.

A **terra**, como material de construção era muito utilizada em áreas onde existia falta de pedra e madeira, especialmente no *Baixo Alentejo*, assim como no sul do *Alto Alentejo*. As técnicas construtivas mais utilizadas com este material, eram o adobe e a taipa⁶. O adobe era utilizado mais em zonas de aluvião (por exemplo o vale do Sado), em bolsas pontuais onde a terra era mais argilosa (alguns edifícios da aldeia da Luz) ou nas paredes interiores de muitas das habitações. A taipa era a técnica tradicional, mais utilizada em todo o Alentejo e Algarve (fig.10). Apresenta inclusivé, variantes na tipologia de construção, dependendo do tipo de terra utilizada e da tradição de construção da região ou do taifeiro⁷.



Fig.12 – Habitação em adobe, caiada a branco, com poial e gigantes (contrafortes) em pedra.



Fig.13 – Abóbada tradicional alentejana na casa 4 das Casas dos Romeiros, no Lugar do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal.



Fig.14 – Taipa com pedra no meio das fiadas na Casa Escola, em Ermidas de Sado, Concelho de Santiago de Cacém.



Fig.15 – Taipa com pedra no topo das juntas verticais na Casa do gado do Monte Pelicão, em Saraiva, Concelho de Ourique.

O **tijolo cozido** era utilizado nas ombreiras e arcos dos vãos (quando havia pouca pedra) entre as fiadas de taipa, quando a terra tinha uma grande retracção,⁸ e nas cúpulas e abóbadas. Estas últimas, as abóbadas ou abobadilhas, dependendo da posição do tijolo (fig.13), desenvolveram-se especialmente na zona de Évora, onde a sua realização, sem cofragem, se tornou uma tradição única no país.

A **pedra** era amplamente utilizada, na região norte do Alto Alentejo, na construção de edifícios. No centro ou sul, a pedra é encontrada em bolsas onde o material é mais abundante, caso de Monsaraz, onde o xisto é o material de construção mais importante. Na construção em taipa, podem-se também encontrar pedras entre as fiadas de taipa, sempre que a terra é mais arenosa, caso de Ermidas do Sado, na costa alentejana (fig.14). No concelho de Ourique, por cima das juntas verticais da taipa, a pedra impede possíveis fissuras estruturais (fig.15).

No sul do Alentejo, na construção em taipa, a pedra é por vezes utilizada em certos elementos construtivos. É o caso dos *gigantes*, *poiais*, ombreiras e padieiras dos vãos, cunhais e embasamento do edifício.

A **cal**, utilizada há milénios nesta região, é encontrada sobretudo no reboco das habitações. As sucessivas caiações brancas das fachadas⁹ nas habitações rurais, reflectem os raios solares, que podem atingir temperaturas muito elevadas durante o dia. A caiação é realizada pelo menos uma vez por ano, em geral ao entardecer ou à noite, por ser mais fresco.

Na realização da taipa, por vezes, a cal era adicionada à terra, sobretudo quando esta última era de fraca consistência. Deste modo, a cal ajudava a fortalecer a composição da taipa.

Finalmente a cal era amplamente utilizada nas argamassas das alvenarias de tijolo e de pedra.



Fig.16 – Caniço apoiado no varedo, que não flexa devido à *madre* ou *terça* existente a meio do vão. Habitação no *Telheiro*. Concelho de *Reguengos de Monsaraz*.



Fig.17 – Casa em caniço na *Carrasqueira*, Concelho de *Alcácer do Sal*.



Fig.18 – Casa com paredes em taipa, embasamento em alvenaria de xisto e cobertura de duas águas em telha de canal ou maia-cana. Verga da porta em madeira. Casa do *Maioral do Monte da Boa Vista*. Concelho de *Ourique*.



Fig.19 – Caniço apoiado no varedo, que descansa no pau de fileira e encastra na parede. *Monte das Fontainhas*, em *Vale dos Mortos*. Concelho de *Serpa*.

A **madeira**, por ser escassa, era guardada para as janelas e portas e por vezes era utilizada na verga dos vãos ou no madeiramento das coberturas: ripado, quase sempre substituído pelo caniço, barrotes, guarda-pó e asnas.

O **caniço** e o **piorno** serviam de apoio à telha e eram colocados por cima do varedo (fig.16).

Também se encontra caniço, nas paredes interiores de muitas das habitações. O tabique era deste modo constituído por caniço e argamassa de cal e terra.

De assinalar, a utilização rara do caniço em habitações. Caso de algumas localidades: esporadicamente no *Torrão* e muito especialmente na *Carrasqueira*, concelho de *Alcácer do Sal* (fig.17).

6. Análise Construtiva

No exterior, era comum encontrar-se incorporado na fachada, o *poial*, banco de pedra que também servia de reforço à parede e os *gigantes* ou contrafortes (fig.12). Muitas das vezes, a existência destes últimos, denuncia falta de fundações nos edifícios ou existência de abóbadas e arcos no interior da habitação.

Quando se constata a existência de **fundações**, o material utilizado é a pedra da região (em geral, o xisto ou o granito), mas por vezes também o tijolo cozido. O **embasamento**, se for em pedra (fig.18), tem em geral mais 30 a 50 cms, que a cota do pavimento interior, evitando a subida da capilaridade.

Os **pavimentos** eram em geral, de terra batida (caso das casas mais pobres), em baldosa (tijoleira fina de forma quadrangular), em tijoleira rectangular (colocado em “espinha de peixe”) e por vezes, em seixos rolados, nas zonas de maior circulação (entrada e cozinha).

As **coberturas** têm uma ou duas águas e são pouco inclinadas (26° a 27°). São compostas por telhas de canal, meia-cana ou canudo, pousadas

directamente ou no *guarda-pó*, ou em caniço (fig.19), ou em ripas. Estas são apoiadas nos barrotes, que descansam no *pau de fileira* (no topo da cobertura, por baixo da cumeeira) na *madre* ou *terça* e no *frechal*. Quando o vão, entre as paredes exteriores, é largo, encontram-se asnas simples, a suportar todo o madeiramento. Desde há algumas décadas que a telha de canal tem vindo progressivamente a ser substituída pela *telha Marselha* ou pela *telha de Aba e Canudo* ou *telha Lusa* (a primeira foi introduzida em Portugal no final do séc.XIX.).

Ao nível construtivo, **as paredes** eram constituídas por alvenaria de pedra procurada ou, tal como já foi referido no capítulo anterior, por taipa ou adobe.

A taipa foi a técnica mais utilizada até há 40/50 anos¹⁰. Uma conjugação de taipa e de pedra, tal como foi referido no capítulo dos materiais, também é possível de se encontrar.

A taipa era construída, utilizando taipais de madeira, desmontáveis, de 2m de comprimento, por 0,50m de altura. A espessura da parede exterior, em taipa, variava de 0,40m a 0,60m, enquanto que a parede interior, em tabique de caniço ou em adobe, se apresentava ente 0,10m e 0,30m. As juntas entre os taipais poderiam ser verticais ou em ângulo para melhor travamento (fig.15).

Conclusão:

Nas últimas décadas, a habitação vernácula alentejana tem vindo a sofrer alterações, sobretudo a nível construtivo. A alvenaria de pedra, mas sobretudo a taipa e o adobe, têm sido substituídos pelo betão e o tijolo furado industrializado. Deste modo, os materiais naturais e tradicionais têm sido abandonados e as habitações têm

sofrido profundas alterações térmicas no seu interior. A parede de terra, com boa massa térmica, mantendo no Verão, a casa fresca durante o dia e mais quente durante a noite, foi preterida ao betão, bom condutor térmico. Actualmente, o interior da habitação é frio, quando no exterior está frio, e quente, quando no exterior está quente. As grandes diferenças de temperatura existentes no Alentejo, entre o dia e a noite, implicam a utilização cada vez mais frequente, de aquecedores no Inverno ou de ar condicionado, no Verão. O resultado é um aumento no consumo de electricidade, para além das implicações na saúde, produzidas pelo clima seco e artificial. Felizmente, continua-se a cair as casas e a utilizarem-se beirados, protectores em lousa, por cima de alguns vãos, e vegetação (sardinheiras, parrugueiras, etc.) na entrada de outros vãos, para arrefecimento do ar quente, que entra na habitação pela porta entreaberta. Também tem havido um renascer da construção em terra no Alentejo, especialmente na costa alentejana e no Algarve, devido ao aumento da procura por uma habitação saudável e natural, como alternativa ao ritmo acelerado da vida citadina.

Legenda das Figuras:

Fig.1 - Desenhos da autora *in* CORREIA, Mariana; “Le pisé d’Alentejo, Portugal”; Mémoire du DPEA - Terre 1998-2000; École d’Architecture de Grenoble; p.92

Fig.2 a 19 - Fotografias da autora.

Bibliografia:

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES	1988	“Arquitectura Popular em Portugal”; 3ºvol. (zona 5: Alentejo; zona 6: Algarve); 3ª ed.; Lisboa.
--	------	---

CORREIA, Mariana;	Sept. 2000	“Taipa Alentejana em Portugal”; DPEA-Terre na CRATerre, 1998-2000, École d’Architecture de Grenoble.
CORREIA, Mariana; MERTEN, Jacob	May 2000	“Restoration of the Casas dos Romeiros using traditional materials and methods. A case study in the southern Alentejo area of Portugal”; Terra 2000 – 8 th International Conference on the study and conservation of earthen architecture; Torquay, Devon, UK.
OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando;	1994	“Arquitetura Tradicional Portuguesa”; Coleção Portugal de perto; Publicações Dom Quixote; Lisboa.

Notas de rodapé:

¹ “A Habitação Vernácula Rural no Alentejo, Portugal” e “Ficha - Sistema Construtivo: Taipa, na Habitação Vernácula Rural no Alentejo, Sul de Portugal”: Artigos publicados in 4^o Seminário y 4^o Taller Iberoamericano sobre Vivienda Rural y Calidad de Vida en los Asentamientos Rurales”; La Universidad de Chile - La Red XIV del Sub Programa Habyted - Cytel de la Cooperación Iberoamericana Y el Ministerio de Vivienda y Urbanismo; Maio 2002

² Cujo tema tratava da “Taipa Alentejana em Portugal”; realizada no âmbito do DPEA-Terre na CRATerre, École d’Architecture de Grenoble, França. Para a qual foram realizados 40 análises e levantamentos de edifícios vernáculos rurais na região alentejana.

³ In CORREIA, Mariana; MERTEN, Jacob; “Restoration of the Casas dos Romeiros using traditional materials and methods. A case study in the southern Alentejo area of Portugal”; Terra 2000 – 8th International Conference on the study and conservation of earthen architecture; Torquay, Devon, UK, May 2000; p.226-230

⁴ As herdades são denominadas *montados*, quando os terrenos se encontram cultivados comazinheiras e sobreiros. Denominam-se *campos* quando os terrenos são cultivados com cereais.

⁵ A maior parte das vezes, o acto de cair, é realizado por mulheres. A caiação constante é a base da limpeza impecável que caracteriza as cozinhas alentejanas.

⁶ *Taipa*, originalmente da palavra árabe *tabíya*. Em castelhano, *tapial* ou *tapia*, dependendo das regiões de Espanha. Em francês, *pisé* e em inglês, *rammed-earth*. Técnica de compressão da terra entre dois taipais (cofragens), utilizando o pilão.

⁷ Tema desenvolvido in CORREIA, Mariana; “Taipa Alentejana em Portugal”; DPEA-Terre na CRATerre, 1998-2000, École d’Architecture de Grenoble.

⁸ Caso da maioria das habitações em taipa, no concelho de Alcácer do Sal. O tijolo cozido encontrava-se entre as fiadas de taipa e de argamassa de cal. In CORREIA, Mariana; “Taipa Alentejana em Portugal”; DPEA-Terre na CRATerre, 1998-2000, École d’Architecture de Grenoble; p.109-114

⁹ Com a excepção dos edifícios rurais, construídos com uma taipa mais forte, de terra mais xistosa, que só têm a fachada principal rebocada. Ex: Telheiro. Concelho de Reguengos de Monsaraz. Quando o edifício não é habitação, nem sempre é caiado.

¹⁰ Na última década tem havido um renascer da arquitectura em terra em Portugal. Diversos arquitectos no Alentejo e Algarve têm utilizado a taipa, o adobe e o B.T.C. (Bloco de Terra Comprimido) em arquitectura contemporânea.